



O EXÉRCITO ALEMÃO DE HOJE

Pedro Schirmer

A Alemanha, ao término da 2ª Guerra Mundial, na condição de país vencido, teve o seu Exército desmobilizado e o território ocupado pelas potências vencedoras, EUA, França, Inglaterra e União Soviética.

O rompimento da aliança entre os vencedores ocidentais e a União Soviética fez com que do antigo setor sob ocupação soviética surgisse a chamada República Democrática Alemã, e dos setores ocupados pelos EUA, França e Inglaterra se constituísse a República Federal da Alemanha (RFA).

Este rompimento não surpreendeu os estudiosos da política internacional, posto que aquela aliança, no decorrer da 2ª Guerra Mundial, era um fenômeno esdrúxulo, verdadeiramente inconcebível.

A explicação para tal aliança baseava-se na dita "necessidade de

destruir a Alemanha do *III Reich*, que marchava célere para a conquista do mundo". Uma conquista de fatia maior de mercados, evidentemente, que de resto todos os países industrializados procuram para colocar seus produtos e influências.

Criada a RFA, os países ocupantes do seu território avocaram a si a sua defesa. O fosso existente entre os dois blocos de ideologias e de sistemas de vida antagônicos foi se alargando até o ponto em que a URSS, o parceiro da véspera, transformou-se em inimigo declarado.

Para os aliados — então reduzidos a três — a RFA tornou-se, em consequência do novo *status quo*, um fardo demasiadamente pesado, porquanto uma invasão soviética passou a representar sério perigo.

O Chanceler Konrad Adenauer, pressentindo a ameaça que pairava sobre os céus da RFA, lançou aos aliados um patético apelo: "Dêem-nos armas e nós faremos a nossa defesa".

Em decorrência deste brado permitiu-se ao recém-criado país, que reorganizasse uma Força Armada, a fim de prover sua defesa, não sozinha, mas integrada em um sistema coletivo de defesa, a recém-criada OTAN.

Assim, em maio de 1956, por ocasião do 200º aniversário de nascimento do herói nacional General Scharnhorst, surgiu dos escombros ainda fumegantes da guerra, uma nova Força Terrestre, que juntamente com a Marinha e a Força Aérea, passaram a constituir a *Bundeswehr*.

O nome *Bundeswehr* (*Bund* = Federação e *Wehr* = Defesa) substituiu a *Wehrmacht* (*Macht* = Força), que por sua vez substituíra o *Reichswehr* (Defesa do Império).

Alguns anos mais tarde, a URSS, percebendo a trágica sina a que o povo alemão foi levado, pela divisão do País em dois, acenou à RFA com a reunificação alemã. Para tal, entre outras condições, havia uma cláusula básica: A Alemanha deveria declarar-se neutra, e como tal, dissolver as suas Forças Armadas. A dúvida na sinceridade das intenções de Moscou impediu a efetivação da proposta. Não haveria quem barrasse uma posterior marcha soviética até as margens do Reno.

A harmonia do funcionamento da *Bundeswehr*, sob um comando único, o Ministério da Defesa, é

exemplo de racionalização de trabalho, de economia de meios e de integração; uma só Escola de Comando e Estado-Maior para as três forças singulares; peças de uniforme comuns; armamento individual padronizado e um sem número de outras vantagens.

O recrutamento dos quadros foi feito entre os remanescentes da Guerra, procurando-se impedir o ingresso da nova Força, daqueles que se manifestassem de acordo com as idéias políticas vigentes no Governo da Alemanha Nazista. Muitos declararam-se contrários aos antigos ideais, mas houve quem renegasse suas convicções por necessidade material. Afinal, foram sempre e tão somente soldados; não sabiam exercer outra profissão.

O poder militar, por ser estreitamente vinculado ao poder político — e não pode ser diferente em qualquer nação — fez com que o novo Exército, persuadido pelas potências vencedoras, certamente, fruto do novo *status quo*, abdicasse da postura marcial tradicional do soldado alemão.

As conhecidas marcialidade e postura ditas prussianas, ficaram apenas no Exército Popular da República Democrática Alemã.

A influência civilista no seio do Exército manifesta-se cotidianamente. Inicia com a difundida idéia de que as Forças Armadas não possuem soldados, mas sim cidadãos em uniforme, e prossegue com práticas consideradas pouco ortodoxas para uma Força Armada. É o caso do tratamento pessoal, no dia-a-dia, em que um mili-

tar se refere ou se dirige a outro nomeando-o, não pelo posto ou graduação, mas sim pelo simples título de Senhor. O tratamento do Senhor Coronel X ou Senhor Sargento Y é substituído apenas por *Herr Z*, seja almirante, capitão ou soldado.

Tal prática, entretanto, não significa desprezo, desdém ou desrespeito; muito pelo contrário. A estreita camaradagem entre os diferentes círculos hierárquicos é uma tradição que remonta há um passado distante. Talvez aí resida o fato de que o conceito da palavra *Kamerad* tem conotação mais forte do que "amigo". Não é por outra razão que são incontáveis os exemplos, em casos de guerra, quando soldados rasos, sargentos e oficiais — sem nenhum pejo — vertiam copiosas e sentidas lágrimas, uns pelos outros, quando independentemente de posto ou graduação, os vivos conduziam os mortos à última morada.

O desejo em desvincular qualquer traço de união com o passado faz com que se procure sopitar o culto às tradições, como se fosse possível existir um Exército, que não cultua as suas tradições.

Pregadores há, inclusive, que dizem abertamente, que o Exército alemão iniciou suas tradições em 1956, com a criação da *Bundeswehr*.

De modo geral, estas particularidades são bem absorvidas pelos quadros, que as entendem como uma manifestação da Democracia.

O Exército, obviamente de par com a Marinha e a Força Aérea, está estruturado de forma a atuar

no âmbito da OTAN, não apenas na defesa do território alemão que lhe restou, mas sim na defesa da Europa Ocidental, e conseqüentemente do mundo livre.

Assim sendo, desde os tempos de paz, o Exército formado por 380.000 homens — número que pode rapidamente ser multiplicado em caso de mobilização — está organizado em 3 Corpos e estruturado numa Ordem de Batalha com o dispositivo adequado à defesa do País, caso ocorra um conflito armado. Entre estes 3 Corpos, alternadamente, estão forças de outros países-membros da OTAN.

Esta Ordem de Batalha está intimamente ligada com a estratégia militar da OTAN: "A Reação Flexível", que tem por objetivo evitar uma guerra pela dissuasão, fazendo ver ao inimigo, que no caso de uma agressão ele correrá riscos incalculáveis e defrontar-se-á com meios de defesa adequados à escaçada das ações. Para isso, a Reação Flexível está assentada numa tríade, constituída de forças nucleares estratégicas, forças nucleares táticas e forças convencionais.

A Alemanha continua, pois, cumprindo um papel histórico, que é o de ser a vanguarda da defesa do mundo livre, contra as ameaçadoras hordas vermelhas do Leste.

E quando se vê agigantarem-se as forças do Pacto de Varsóvia, numa crescente ameaça à segurança das instituições do mundo livre, vêm à tona perguntas que embarçam e engasgam gargantas de estrategistas, políticos e pensadores: Não teria sido um clamoroso erro destruir a Alemanha na 2ª Guerra

Mundial, quando já se sabia do perigo representado por uma URSS vitoriosa naquele conflito? Que interesses havia atrás de tudo que se fez?

O armamento convencional utilizado pelo Exército provém basicamente de duas fontes:

1ª) fornecido pelos EUA: principalmente o material de Artilharia, que chega a ser da ordem de 70-80%.

2ª) de fabricação própria, com destaque para o armamento individual e material motomecanizado.

Uma grande dependência, como se vê, de material importado. A explicação para isto repousa, entre outros fatores, na longa e forçada paralisação do parque industrial bélico alemão, ocorrida no pós-guerra.

O orgulho da indústria bélica alemã reside hoje no carro de combate Leopard II, fantástica máquina de guerra, que teve o seu desenvolvimento iniciado ainda durante a 2ª Guerra. Na excelência do seu desempenho repousa todo o gênio da tradicional engenharia germânica.

O chamado "complexo de culpa", de que a Alemanha foi a única responsável pela eclosão da 2ª Guerra Mundial ainda está presente em amplos setores da população e das Forças Armadas. Exemplo vivo são as restrições às exportações de material bélico, para áreas onde haja pontos de atrito e possibilidade de guerra. Foi o caso, quando em 1981/82, da pretendida compra pela Arábia Saudita de uma partida de Leopards II. Le-

vantaram-se vozes contrárias à transação, em Israel, e a Alemanha não teve forças para levar avante um negócio que lhe traria valiosos petrodólares.

A motivação do soldado alemão para com o serviço militar — em todos os escalões da hierarquia — é um fato palpável. Isso constata-se, entre outras observações, na participação eloqüente do soldado nos serviços de rotina e na instrução, bem como em manobras, nas quais tomam parte também os reservistas. Passagem para a Reserva não significa "adeus às armas". O reservista, seja ele soldado raso, sargento ou oficial, possui em casa o seu equipamento, à exceção do armamento, e tem a consciência de que além da participação em exercícios, pode ser chamado a qualquer momento, em caso de mobilização.

Daí o interesse em participar ativamente dos exercícios, procurando conhecer o terreno em todos os seus detalhes, saber, por exemplo, onde e quando serão acionadas as cargas explosivas previstas desde os tempos de paz, em uma determinada ponte, procurando aprender o que o material pode render em seu proveito.

Os quadros, até o posto de capitão, na proporção de 2/3, são constituídos de pessoal temporário, que serve um máximo de doze anos. À primeira vista parece estranho quando se vê que após este período relativamente longo, o homem deve deixar as fileiras e enfrentar uma nova profissão. Ao se constatar, porém, que o Estado lhe proporciona o aprendizado de

um novo ofício e que este homem se torna um experimentado reservista, deixando lugar para a formação de novos reservistas, verifica-se o quão inteligente é o sistema e acaba-se por concordar com o conceito de "cidadão em uniforme".

Via de regra, todo soldado alemão conhece a fundo a problemática do Exército; sabe inclusive quanto custa um fuzil, uma viatura, um equipamento rádio etc.

Também conhece e estuda o material do inimigo — não um ini-

migo hipotético, batizado de vermelho para fins didáticos e de instrução — mas sim um inimigo real, claramente definido, que ninguém faz segredos. São as forças do Pacto de Varsóvia estacionadas junto à fronteira da Alemanha.

O dito popular *Lieber rot als tot* (É preferível ser vermelho a ser morto), difundido certamente a partir do outro lado da fronteira, não encontra guarida nas fileiras alemãs, que respondem com a inversão da frase: *Lieber tot als rot*.



O Ten Cel Inf QEMA Pedro Schirmer é da Turma de 20 de dezembro de 1956 e tem os seguintes cursos: Academia Militar das Agulhas Negras, Básico de Pára-quedista, Mestre de Saltos de Pára-quedista, Instrutor de Educação Física, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. No exterior, fez o curso de Estado-Maior da Academia de Comando e Estado-Maior das Forças Armadas da República Federal da Alemanha, onde estagiou na 27ª Brigada

Aertransportada do Exército (no grau de Comandante de Tropa), tendo obtido o diploma e o brevet de Pára-quedista da Bundeswehr.

Ex-Instrutor da ECEME, membro do Conselho Editorial da Biblioteca do Exército, titular da seção "Armaria" do jornal "Letras em Marcha", o Ten Cel Pedro Schirmer exerce atualmente a função de Comandante do 27º Batalhão de Infantaria Pára-quedista.